



DESAFIOS E REFLEXÕES NA FORMAÇÃO DOCENTE PARA A INCLUSÃO ESCOLAR DOS ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA-TEA

Francisca Lígia Domingos de Souza¹

Juliana Nóbrega de Almeida²

Samara Anselmo de Albuquerque³

RESUMO

O trabalho docente no ambiente escolar abrange várias atribuições, como: planejamento pedagógico, realização de múltiplas práticas educativas, preparação de atividades extraclasse, bem como criação de vínculos com os seus alunos e respectivamente com as famílias. Todavia, nos dias atuais o professor vem recebendo na sala de aula, alunos que possuem individualidades e potencialidades, como os estudantes com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Com isto, é notório a importância do professor buscar cursos de formações, com o intuito de aprimorar e adquirir mais conhecimento sobre o TEA, com enfoque em estratégias inclusivas, a fim de possibilitar a permanência do aluno no espaço educacional, inibir a evasão escolar e tornando a escola um lugar de acolhimento e acessibilidade. Dessa maneira, a presente pesquisa objetiva ressaltar a relevância da formação continuada do professor, ação esta que contribuem com sua prática docente e inclusão na educação. Esta ação corrobora para que o docente possa compreender e atender as individualidades apresentadas pelos estudantes, além de possibilitar a participação de todos nas atividades desenvolvidas dentro e fora de sala de aula, perante a heterogeneidade das turmas da rede regular de ensino. A metodologia da pesquisa foi desenvolvida a partir de um estudo bibliográfico e de campo, adotando a tipologia qualitativa e descritiva, embasada em artigos sobre a temática da educação inclusiva e da formação de professores. A pesquisa de campo foi realizada por meio da aplicação de questionários semiestruturados, compartilhados via *Google Forms* e respondido por seis professores das séries iniciais do ensino fundamental, escolhidos de maneira aleatória. Com base na análise, os resultados apresentados apontaram que a preparação do docente inserido na espaço educacional é um pilar essencial no cotidiano do professor, considerado extremamente necessário no processo pedagógico-inclusivo, iniciado pela construção de vínculo, e conseqüentemente na execução de práticas inclusivas, vistas em atividades que envolvem de maneira ativa os alunos, ação está que atua no desenvolvimento da aprendizagem que melhoram a socialização e interação educacional dos estudantes, através da adoção de metodologias flexíveis, realizadas em um ambiente escolar acolhedor. Para tanto, o TEA faz parte dos transtornos neurodiversos, as pessoas que estão dentro desse espectro possuem particularidades que precisam ser conhecidas pelos professores e pela sociedade, para

¹ Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Pós-graduanda em psicopedagogia na (UNIFIP). E-mail: ligiafrancisca04@gmail.com.

² Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Pernambuco (UFPE) Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós Graduação em Formação de Professores da UEPB. Líder do Grupo de Pesquisa Saberes da Educação Geográfica GPSEG/UEPB. E-mail: julianageo2020@gmail.com.

³Graduada em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), samara.albuquerque@aluno.edu.br.



evitarmos estereótipos negativos e a padronização, por isso é imprescindível a formação inicial e continuada do professor acerca do assunto, para favorecer e a viabilizar as práticas inclusivas, as quais contribuem na promoção e garantia do desenvolvimento integral do aluno na escola, bem como oportunizem o acesso e a permanência à educação de forma justa e igualitária.

Palavras-chave: Formação do professor, Inclusão Escolar, Transtorno do Espectro Autista.

INTRODUÇÃO

A formação docente diante da inclusão escolar, sobretudo para os alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é um tema de suma importância para o contexto educacional. Por isso, mais do que nunca, precisamos lutar pela crescente valorização da inclusão e garantia de direitos fundamentais para os estudantes. Assim, é crucial que os profissionais da educação estejam preparados para atender as demandas específicas de cada aluno, promovendo um ambiente que favoreça o seu aprendizado e o desenvolvimento integral.

De certo, o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento que ocasiona déficit na comunicação, interação social e no comportamento, conforme o DSM-5-TR (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 2013), o TEA é representado por características que variam a partir do seu comprometimento e de suporte, apresentados nos níveis: 1, 2 e 3. Com isso, o espaço educacional precisa ser um lugar de adaptação, e utilização de estratégias pedagógicas inclusivas para garantir que os alunos sejam inseridos nas atividades desenvolvidas no ambiente educacional.

Diante desse cenário, a formação dos professores é extremamente importante, para que de fato se concretize a inclusão, os professores precisam ter capacitações para compreender as individualidades dos alunos. Com isso, é necessário identificar as necessidades específicas do estudante e utilizar abordagens metodológicas adequadas. Além do mais, o educador precisa estar aberto para trabalhar com o ensino colaborativo, realizado por meio da relação entre professor generalista e o professor da sala de Atendimento Educacional Especializado AEE.

Nessa visão, para que o ensino colaborativo ganhe um significado efetivo, é imprescindível a atuação da família junto com os profissionais da educação, ação está extremamente pertinente para se alcançar uma educação que possa ressignificar a vida dos estudantes. Para o professor, a união entre família e escola proporciona a possibilidade de pessoalizar o trabalho pedagógico, num processo formativo.

Para Nóvoa (1995), a formação do professor deve implicar num investimento pessoal, bem como num trabalho livre e criativo, na qual deve-se estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, pois este profissional possui uma personalidade que deve fornecer meios para um pensamento autônomo que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Sendo assim, a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso, é tão importante investir na pessoa do professor e dar um estatuto ao saber da experiência.



Logo, para construirmos uma reflexão sobre formação de professores e uma educação inclusiva, principalmente com estudantes com TEA, é preciso ampliar as pesquisas sobre essa temática, no intuito de alcançarmos um conhecimento e uma ação educativa que busque respostas, sentidos e vivências diante das diversas situações, bem como os desafios e possibilidades que são capazes de transformar a educação em uma ação libertadora e acolhedora, pois todas as pessoas podem aprender.

Neste contexto, a inclusão do aluno no ambiente escolar exige um comprometimento por parte dos profissionais da área da educação. Não apenas relacionados a aportes teóricos, mas também em habilidades com práticas efetivas de inclusão. Nessa vertente, a formação docente inicial e continuada de professores é fundamental para que se haja a efetivação de uma educação inclusiva com qualidade para todos os alunos no ambiente escolar.

Partindo dessa ideia, o objetivo central desta pesquisa é elencar as possibilidades existente diante dos desafios para efetivação do processo de inclusão na formação dos professores, especialmente diante dos estudantes com TEA, pensando assim na formação docente de maneira permanente, conforme Demo (2018) para educação básica, utilizando uma abordagem mais sistematizada.

Relacionado aos aportes teóricos, elencados nesta pesquisa teóricos importantes para a Educação, como Pedro Demo, Libâneo e Paulo Freire, que defendem veementemente a formação complementar de professores e desenvolvimento de uma Educação de qualidade, vale ressaltar que este estudo faz parte do Grupo de Pesquisa Saberes da Educação Geográfica-GPSEG da Universidade Estadual da Paraíba, espaço de discussão sobre educação, inclusão e formação de professores.

REFERENCIAL TEÓRICO

A ciência considera que o Transtorno do Espectro do Autismo - TEA é uma condição multifatorial, na qual busca-se hipóteses para desvendar suas causas. Conforme Ouriques e Onofre *et al.* (2017) o TEA tem sido um dos grandes desafios para alguns profissionais da área da educação e da saúde, uma vez que a Organização Mundial da Saúde-OMS (2013), no ano 1943 começou a se preocupar com a conceituação do Autismo, pelo fato da importância dada à diferenciação de ideias do que seria o autismo, a psicose e a esquizofrenia. Desse modo, iniciou-se um processo de discussão sobre o conceito, bem como dos principais sintomas ligados ao transtorno, no intuito de se chegar a uma melhor compreensão acerca do referido assunto (Ouriques e Onofre, *et. al.*, 2017).

Outro dado importante, é visto no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V-TR), apresentando o TEA como um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado por déficits na interação social, comunicação e comportamentos restritos e repetitivos. (DSM-V-TR, 2013).

Todavia, ao se observar os relatos de professores da educação básica, esses sujeitos apresentam particularidades e potencialidades como pessoa humana, possuindo sentimentos, emoções e capacidade de aprender, no seu ritmo e forma de aprendizagem. Neste contexto, visando garantir o direito à educação para a pessoa com deficiência foi instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, prevista pela lei nº 13.146/2015 e sancionada em 6 de julho de 2015, estabelece que:



Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2015).

Nos dias atuais, precisamos de mais discussões e pesquisas sobre o tema, que busquem respostas como: o que causa o TEA? Como ocorre o tratamento do TEA? Quais os direitos das pessoas com TEA? O que define o diagnóstico do TEA? Como a escola deve receber o aluno com TEA? Dentre outras questões. Temos esse desafio enquanto professores e pesquisadores, buscando assim estimular a luta pela inclusão como práxis, bem como, combater o capacitismo e a exclusão.

Mantoan (2003), elencou medidas de ensino inclusivas adotadas por determinadas escolas de redes de ensino público e particular, no viés organizacional escolar, na qual apontou mudanças que podem ser observadas sob três ângulos: o dos desafios provocados por a inovação voltada para a inclusão, ações no sentido de efetivá-la nas turmas escolares, abrangendo o trabalho de formação de professores e, por fim, as perspectivas que se abrem à educação escolar, a partir da implementação de projetos inclusivos.

No ambiente escolar, por outro lado, vê-se o trabalho do professor frente aos desafios da inclusão do aluno na escola e as inúmeras demandas que lhes são dadas no espaço educacional e para além do ambiente, vistos desde o planejamento até a execução das atividades realizadas dentro e fora de sala de aula. Para Almeida (2024) um professor inclusivo, não apenas assume teorias, mas, realiza associações com as vivências e possibilidades dos sujeitos, ações basilares na construção de uma educação humana.

Com isto, se faz necessário o educador buscar estratégias de ensino e cursos complementares, como as formações continuadas acerca do tema para a aquisição de conhecimentos sobre a problemática levantada.

Mudar a escola é mudar o professor. Cuidar do professor é ingrediente superlativo de qualquer inovação, pois não se faz inovação sem inovadores – estes são, acima de tudo, os professores. Eles não podem ser vítimas de inovação, mas seus mentores. Assim, cumpre valorizar os docentes, em termos de formação continuada e de valorização socioeconômica, também para retirarmos do ar uma mancha renitente: professor precisa ser a prova viva de que ser profissional da educação vale a pena. (Demo, 2018, p. 140).

Demo, defende a valorização do professor, o mesmo elenca como imprescindível “o cuidar do professor”, a escola é um espaço que precisa de inovação, e em meio a essa inovação é crucial se pensar no educador, seja numa valorização socioeconômica, como também em investimento em formações continuadas, que são extremamente relevantes, aprimorando os conhecimentos do professor, para lidar com um público diversos de alunos presentes em sala de aula.

De certo, a formação dos professores e das professoras devia insistir na constituição dos saberes necessários, sobretudo o teórico-prático, que estão ligados a realidade concreta em que os professores atuam. Não há dúvida, que as condições materiais em que vivem os professores lhes condicionam a compreensão do próprio mundo, além da sua capacidade de aprender e de responder aos desafios (Freire, 1996).



desenvolvimento e a resistência dos pais e responsáveis em reconhecer que seu filho necessita de acompanhamento especializado;

Professor D: Muitas vezes a falta de apoio, recursos;

Professor E: Uma formação mais completa além de uma maior rede de apoio e conscientização social a respeito da inclusão;

Professor F: O maior desafio ainda é o preconceito de alguns alunos, e falta de matérias para trabalhar com os mesmos.

Mediante a análise das narrativas dos professores, observamos que foram descritos diversos desafios, sendo os de maior assiduidade entre os profissionais: a aceitação da família, a insuficiência de recursos didáticos, apoio especializado e a necessidade de formações pedagógicas. Posto isso, salientamos que esses fatores limitam ainda mais o trabalho do profissional da educação, dificultando o trabalho dos professores e a busca de construir uma educação mais inclusiva. Segundo Mantoan (2003), a exclusão escolar manifesta-se das mais diversas e perversas formas, e frequentemente o que está em jogo é a ignorância do aluno diante dos padrões de cientificidade do saber escolar, ou seja, a escola se democratizou, possibilitando abertura a novos grupos sociais, mas não aos novos conhecimentos.

Neste panorama, muitos são os desafios enfrentados pelos professores, a exemplo da: falta de preparação adequada, a escassez de materiais pedagógicos específicos e o crescente número de estudantes com autismo em sala de aula. Com isso, compreende-se a importância de uma formação contínua e permanente, além de se embasar em abordagens centradas no estudante e no trabalho colaborativo com outros profissionais, para garantir uma educação mais inclusiva e de qualidade, sendo justa e igualitária.

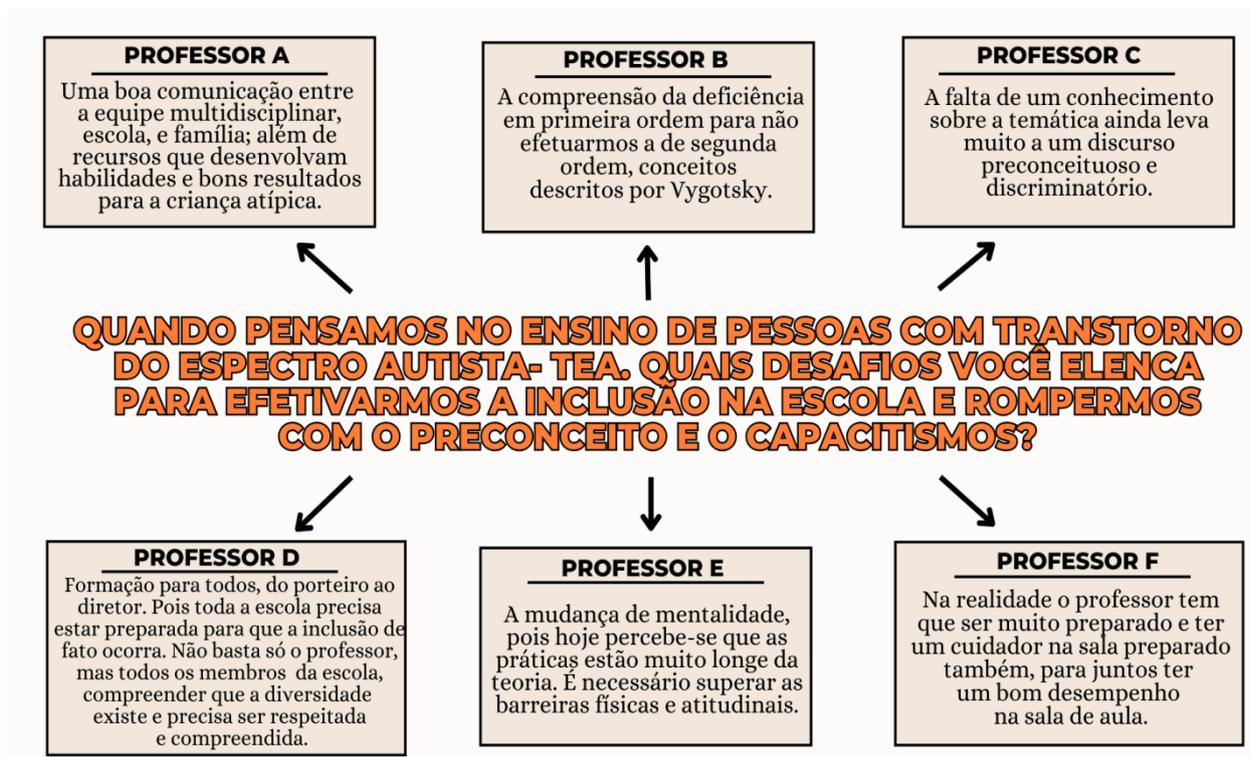
Ademais, se faz necessário a construção de um ambiente escolar acolhedor e a colaboração entre a família, profissionais da educação e da saúde. Além de priorizar a necessidade de formação contínua dos educadores e a adoção de práticas inclusivas para garantir o direito à educação de todas as crianças em idade escolar, independentemente de suas individualidades.

Em sequência, questionamos aos respondentes se eles possuíam alunos com Transtorno do Espectro Autista- TEA e destacamos que: 5 responderam que sim e apenas 1 professor afirmou que não. Com isso, vale pontuar o crescente número de casos de TEA no cenário nacional. Essa realidade possivelmente pode ser percebida com o aumento de crianças com TEA também na esfera local (Paraíba), já que os professores desta pesquisa foram escolhidos de maneira aleatória. De certo, as pessoas com Transtorno do Espectro Autista - TEA, estão cada vez mais presentes no ambiente escolar, visto a partir dos números de estudantes matriculados com essa especificidade em nosso país.

Segundo dados da Agência Senado, foram publicados pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) no Censo Escolar 2023, que o número de matrículas de pessoas com TEA passou de 429 mil, em 2022, para 636 mil, em 2023. O aumento foi de 48% de um ano para o outro (Agência Senado, 2024). Esses dados trazem uma reflexão acerca do aumento considerável dos casos de TEA, a crescente necessidade de qualificação do professor para atender as particularidades dos alunos.

Dessa maneira, pensamos no ensino das pessoas com TEA, questionamos aos participantes quais são os desafios para efetivarmos a inclusão na escola e rompermos com o preconceito e o capacitismos? A partir disso, obtivemos os seguintes resultados:

Figura 1: Desafios apresentados pelos participantes para efetivarmos a inclusão na escola e romper com o preconceito e capacitismos.



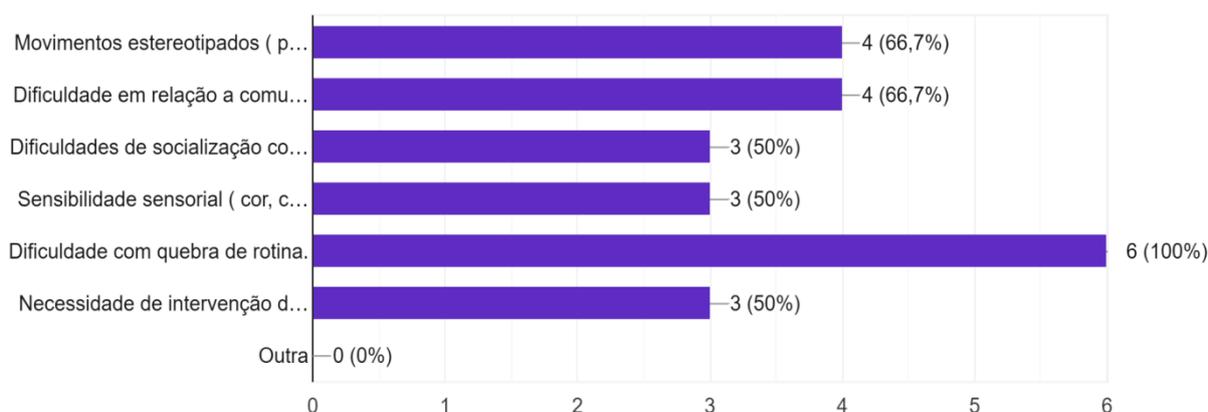
Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa, 2025.

Em suma, os educadores entrevistados responderam de acordo com a perspectiva da sua realidade, ressaltando a importância da comunicação e a disseminação do conhecimento sobre o TEA, incluindo a necessidade de qualificação profissional e formações que possibilitem conhecer a diversidade dos alunos com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento para toda equipe escolar. Segundo Brito *et al* (2023, p. 09) “Noutra ponta, é preciso se considerar que o processo de inclusão não pode ser resumido à esfera formal da matrícula de estudantes do Público Alvo da Educação Especial (PAEE) na escola comum. Para que a inclusão desses estudantes seja bem-sucedida, há uma série de conhecimentos necessários de aplicação”. Logo, é importante o professor possuir conhecimentos acerca das características e dos níveis de suportes do TEA, para lidar com as demandas de cada aluno.

É relevante destacar que cada pessoa com TEA possui níveis de suportes diferentes, variando entre o nível 1 ao 3, de modo que, apresentam particularidades e necessidades específicas. Como base nisso, solicitamos que os sujeitos da pesquisa assinalassem ações que presenciaram em sala de aula, como situações desafiantes durante as atividades pedagógicas no cotidiano escolar. Nesta ocasião, identificamos alguns momentos desafiantes vivenciados pelos professores, sendo os de maior assiduidade entre os profissionais: a dificuldade dos

alunos com TEA com quebra de rotina; os movimentos estereotipados (a exemplo de pular, correr, girar e outros); e a dificuldade em relação a comunicação. Além disso, foram destacados a sensibilidade sensorial (cor, cheiro, sons e outros); dificuldades de socialização com outros estudantes; e a necessidade de intervenção da Professora, Assistente Terapeuta - AT ou cuidadora para mediação ações da vida diária, como intervenção social com os colegas. A seguir, a figura 2 ilustra os dados obtidos e analisados.

Figura 2: Ações desafiadas vivenciadas pelos professores durante as atividades pedagógicas no cotidiano escolar com alunos com TEA.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2025.

Ademais, é pertinente conhecermos se eles já vivenciaram algo que os surpreendeu positivamente junto ao processo de ensino e aprendizagem desenvolvido por um estudante TEA? Mencione o que ocorreu. Os entrevistados relataram momentos marcantes relacionados à evolução dos seus alunos, como o desenvolvimento da escrita e o reconhecimento dos números.

Outra questão trouxe: o que você sugere ser feito como possibilidade para melhorar a inclusão dos estudantes com TEA? Os entrevistados relataram a importância das políticas públicas, mudanças de perspectiva social, ampliação das discussões desde o início dos processos formativos da docência, além da relevância da formação continuada. Conforme Vasconcelos (2024), É necessário reposicionarmos nossos saberes e práticas no contexto da inclusão visando a efetivação desse direito incondicional, inalienável e intrasferível.

Para Almeida (2024), é crucial que se forme e qualifique professores que consigam reconhecer as diferenças e particularidades dos alunos em sala de aula, aprimorando um olhar humanitário, de cooperação e de respeito. A educação inclusiva se desenvolve articulando as diversas situações educacionais, envolvendo teoria e prática, uma vez que o cotidiano da sala de aula é o laboratório da profissão docente, no qual esse espaço é rico de experiências entre o universo dos professores e alunos.

Portanto, se faz necessário analisar os sentimentos, desafios e práticas pedagógicas dos professores diante da diversidade no contexto educacional. Apesar das intenções inclusivas,



muitos professores enfrentam dificuldades em adaptar suas metodologias e em lidar com as particularidades dos alunos. Além disso, a pesquisa também evidencia o impacto das emoções dos professores, como a insegurança e a sobrecarga, na qualidade do atendimento aos alunos com TEA. Em síntese, a inclusão escolar requer um comprometimento coletivo, envolvendo tanto a formação dos docentes quanto o apoio da escola e da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do professor é um elemento crucial para a inclusão de alunos com TEA nas escolas. Para possibilitar a inclusão de maneira eficaz, é de suma importância que os docentes possuam conhecimento técnico sobre o transtorno, e além do mais habilidades práticas que promovam um atendimento individualizado e sensível às individualidades dos alunos.

É extremamente importante que os professores compreendam acerca das características do TEA, que variam significativamente de caso para caso, incluindo dificuldades na comunicação, na interação social e comportamentos repetitivos e restritos. O conhecimento dessas especificidades permite que os professores distingam os sinais e façam adaptações em suas práticas pedagógicas de acordo com as particularidades dos alunos com TEA.

A formação do professor não deve ser limitada ao período da graduação. A formação continuada é crucial, pois faculta aos docentes ferramentas e conhecimentos atualizados sobre práticas inclusivas, estratégias de ensino para alunos com TEA, além de propiciar o entendimento das novas pesquisas e abordagens pedagógicas, além de programas de capacitação e workshops sobre o TEA, e metodologias inclusivas, como o ensino estruturado e o uso de recursos de apoio, são imprescindíveis.

Os docentes também devem estar preparados para lidar com a heterogeneidade de maneira sensível e empática, promovendo a inclusão social e a construção de um ambiente escolar acolhedor e respeitoso. Isso inclui sensibilizar os colegas de sala para a diversidade, combater preconceitos e facultar a convivência harmoniosa entre os alunos, ajudando na inserção do aluno com TEA em sala de aula.

A formação do professor também envolve apoio emocional e psicológico, considerando que trabalhar com alunos com transtornos do neurodesenvolvimento pode ser desafiador. Com isso, disponibilizar suporte psicológico aos professores corrobora para o bem-estar deles e traz melhoria para sua capacidade de atender as demandas emocionais e pedagógicas do ambiente institucional.

A formação continuada do professor, é um pilar primordial para a inclusão de alunos com TEA. Ao investir na capacitação dos educadores e na realização de práticas pedagógicas inclusivas, as escolas podem oportunizar um ambiente de aprendizagem mais equitativo e enriquecedor para todos os alunos, além disso, respeitando as diferenças e propiciando a plena participação dos estudantes com TEA no processo educativo como possibilidade diante de tantos desafios educativos.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Juliana Nóbrega de. **Formação do Professor de Geografia e Inclusão: um olhar a partir das lentes do Estágio Supervisionado Curricular na UEPB**. CONEDU - Formação de Professores (Vol. 02). Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/106127>>. Acesso em: 16 jan. 2025.

American Psychiatric Association. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, 5th Edition. 2013

BATISTA, R. L. F.; DOS ANJOS, *et al.* A Inclusão e os grandes desafios para Educação. **REVISTA FOCO**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 4266, 2024. DOI: 10.54751/revistafoco.v17n1-165. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/4266>. Acesso em: 16 jan. 2025.

BRASIL, **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015.

BRASIL, Agência Senado. **Projeto garante isenção no IR para pessoas do espectro autista**. Agência Câmara de notícias. 04 abril 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/04/04/projeto-garante-isencao-no-ir-para-pessoas-do-espectro-autista>. Acesso em: 06/01/2025.

BRITO, L. L. de; ELIAS, N. C. Repertório de professores do atendimento educacional especializado sobre autismo e Análise do Comportamento. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 36, n. 1, p. e54/1–31, 2023. DOI: 10.5902/1984686X71273. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/71273>. Acesso em: 16 jan. 2025.

CUNHA, R. L. T.; ALMEIDA, J. N.; ALBUQUERQUE, S. A.; *et al.* O papel do professor de Geografia na formação continuada: contribuições e vivências na construção de uma Geografia da Inclusão. **Revista Georaguaia**, v. 14, n. Especial, p. 1–20, 2024. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/geo/article/view/17542>. Acesso em: 16 jan. 2025.

DEMO, Pedro. **Atividades de aprendizagem: sair da mania do ensino para comprometer-se com a aprendizagem do estudante** [recurso eletrônico] / Pedro Demo. Campo Grande, MS: Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul – SED/MS, 2018.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 43, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



GONÇALVES, Luciana Marinho Soares *et. al.* A Formação de Professores para a Inclusão de alunos com Autismo: desafios e oportunidades. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 10, p. 4484-4500, 2024.

ONOFRE, Eduardo Gomes; OURIQUES, Maria Cláudia. Equoterapia: Desenvolvimento e aprendizagem de crianças com Espectro de Autismo através da prática interdisciplinar. In: **Desenvolvimento Humano e Educação Escolar: Enfoques teóricos e práticas educacionais**. João Pessoa: Ideia, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2013.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: O que é? Por quê? Como fazer?. Editorial Moderna, 2003.

MONTEIRO, J. L. Inclusão Escolar de Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Revista OWL (OWL Journal) – Revista Interdisciplinar de Ensino e Educação**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 473–490, 2024. DOI: 10.5281/zenodo.11053139. Disponível em: <https://revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/201>. Acesso em: 3 dez. 2024.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (Org.). **Os professores e sua formação Lisboa**: Dom Quixote, 1995.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

VASCONCELOS, Tatiana Cristina; SANTOS Joselito; *et al.* AUTISMO E INCLUSÃO: DIÁLOGOS BASEADOS NO MODELO SOCIAL DA DEFICIÊNCIA, NA NEURODIVERSIDADE E NOS ESTUDOS INTERSECCIONAIS). Em: A Inclusão das pessoas com deficiência, TEA e altas habilidades na pauta do V CINTED: tecendo redes de solidariedade na sociedade pós-moderna.

WEIZENMANN, Luana Stela; PEZZI, Fernanda Aparecida Szareski; ZANON, Regina Basso. **Inclusão escolar e autismo**: sentimentos e práticas docentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 24, p. e217841, 2020.